



António Domingues de Azevedo é o actual bastonário da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas. Foi deputado do PS durante três mandatos e, nessa altura, integrou sempre a Comissão Parlamentar de Economia e Finanças. Lidera há mais de 15 anos a entidade reguladora da profissão dos técnicos de contas



# Domingues de Azevedo

## “Cavaco tem culpas no que está a acontecer por ter antecipado as eleições em 2011”

Para o bastonário, houve uma ânsia de chegar ao poder e agora temos uma política “desastrosa e inadequada”

SÓNIA PERES PINTO (Texto)

sonia.pinto@ionline.pt

ANTÓNIO PEDRO SANTOS (Fotografia)

antonio.pedrosantos@ionline.pt

Para o bastonário dos Técnicos Oficiais de Contas, Vítor Gaspar é um dos grandes responsáveis por esta crise, pois nunca pensou nos efeitos colaterais das suas medidas. Domingues de Azevedo critica também o comportamento de Paulo Portas em pedir demissão e diz que temos agora um governo desacreditado. Ir já para eleições não seria má ideia, uma vez que, esperar até Junho 2014 vai provocar um ano de indecisão e de adiamento porque nenhum partido quer implementar políticas impopulares.

### Como vê a actual crise política ?

Vejo como consequência lógica de algumas estratégias de opções que foram tomadas ao longo do tempo, que eram insustentáveis e irracionais. Houve alguns aspectos que me surpreenderam pela negativa e pela teimosia dos governantes. Ou seja, o reajustamento foi feito de forma abrupta e, tal como foi feito, só podia ter esta consequência. E a consequência é uma degradação do exercício do poder por manifesto afastamento das reais condições em que as pessoas vivem. O general Ramalho Eanes disse, esta semana, que o povo português era muito sacrificado e muito ordeiro, mas até o sacrifício e o ordeirismo têm limites. Aconteceu o que aconteceu senão teríamos ainda maiores manifestações e agora os portugueses estão à espera de ver o que vai acontecer. As pessoas não desmentem a necessidade de fazer o reajustamento da economia portuguesa, estão é contra a forma como foi negociada. Houve alguns abusos por parte dos próprios negociadores numa espécie de posição de impor comportamentos ou ideologias, que estão perfeitamente desactualizados e vão contra o espírito e maneira de estar da sociedade que o povo português adquiriu e vão, até mesmo, contra a humanidade. Os mercados podem ter soluções para algumas questões, mas há uma coisa que não têm: não são humanos e sempre que passamos esta barreira criamos desequilíbrios.

### E os mercados reagiram de imediato à crise política...

Os mercados têm algo de irracional e quando grandes economistas dizem que os mercados é que impõem as regras, temos de ser realistas: quem tem dinheiro para investir tem duas preocupações.

Em primeiro lugar, tem de ter a garantia de devolução daquilo que empresta e em segundo é ter rendimento daquilo que empresta. Então, se tiver a garantia de retorno e se tiver garantido o rendimento dentro do que é razoável, deve procurar estender no tempo esse rendimento. É uma estupidez que não faz sentido nenhum emprestar dinheiro e recebê-lo passados três anos. Os governantes defenderam que é preciso ganhar credibilidade lá fora com o tipo de política que estávamos a ter cá dentro e provocou as consequências que se vêem. Em Setembro de 2011 já dizia que não se morria da doença, mas da cura e foi o que nos aconteceu. Continuámos com a doença, a dívida pública continuou a aumentar e os portugueses com menos dinheiro porque a política foi, na minha opinião, completamente desastrosa e inadequada. E isso é visível pelo aumento da recessão e do desemprego.

“A política tem sido completamente desastrosa e inadequada”

“O PR, quando foram pedidos sacrifícios, tinha um discurso e hoje, que foram pedidos a triplicar ou a quadruplicar, tem outro”

“Cavaco Silva quando convocou eleições, Portugal tinha credibilidade na Europa e condições para decidir”

É visível no bolso das pessoas, das condições de vida que hoje têm, das expectativas que falharam e neste afundar abrupto da situação e que ninguém teve a coragem de prever e que ninguém teve a capacidade de inverter. Há aqui dois erros terríveis. O primeiro foi ter-se antecipado as eleições em 2011 no momento e nas condições em que foram feitas e em que o Presidente da República tem culpas e agora também não vale a pena andar a dizer que é o melhor do mundo e que tem soluções para tudo. Ele tem culpas naquilo que aconteceu e a sua ansiedade política construiu de algum modo a situação que hoje temos. O Presidente da República, numa altura em que foram pedidos sacrifícios, tinha um discurso e hoje, que foram pedidos sacrifícios a triplicar ou a quadruplicar, tem outro discurso e com as consequências

que temos: uma dívida a aumentar, as pessoas a viverem pior e a economia portuguesa está cada vez pior. Cavaco Silva quando convocou eleições, Portugal tinha credibilidade na Europa, tínhamos condições para decidir a forma como iríamos resolver o processo.

### O PEC IV teria evitado a entrada da troika?

Provavelmente. Mas com o chumbo do PEC IV criou-se uma instabilidade política e um quadro político que não nos permitiu conduzir o processo e como consequência houve uma precipitação da troika que entrou cá dentro. Agora ninguém tem a capacidade de negociar ou, pelo menos, de dizer que essas situações não são adequadas à nossa realidade e o que obtivemos foi uma situação criada por efeito da crise política e hoje ninguém fala dela. Mesmo que tivéssemos de pedir à troika apoio externo, esse apoio seria concebido e negociado noutras condições e não

naquelas que foram negociadas. E fico triste quando vejo as pessoas que conduziram esses processos não serem sensíveis a estas consequências. Que Portugal estava a viver acima das suas possibilidades, todos nós sabemos. Mas Portugal, com as suas debilidades, devia-se ter precauído e de não ter entrado nesta aventura que nos conduziu negativamente ao processo em que

agora estamos. Passaram dois anos e é mais do que tempo suficiente para que as pessoas vejam que as suas políticas não resultaram e não vão resultar.

### A solução de Cavaco Silva foi a melhor?

Numa primeira versão achava extraordinariamente boa a decisão do Presidente da República e continuo a achar porque Cavaco Silva está a fazer o seu papel. Mas sejamos realistas, tivemos umas eleições em 2011 pela recusa do PSD e do CDS em apoiarem as políticas de recuperação que o governo socialista apresentou. Então, se naquela altura, aqueles mesmos partidos e forças parlamentares, recusaram isso pela ânsia de entrarem no poder, acha que hoje têm a moralidade de pedir aos outros que façam a eles aquilo que não fizeram? Não fizeram isso ao governo minoritário socialista e agora pedem que o par-

tido socialista venha dar apoio a políticas que o PS está em desacordo em algumas circunstâncias.

### É então um acordo impossível?

Não diria que é impossível, diria que o momento da política portuguesa é muito difícil. Se calhar o partido socialista sairia reforçado disto se conseguisse mostrar à população as negações e contradições. Ou seja, há alguém que me pede aquilo que não foi capaz de me fazer, a mim. Vendeu a alma, o corpo e tudo o que tinha para ir para o poder e agora vem pedir aos outros que o ajude a permanecer no poder. Politicamente é muito complicado.

### Acha que o PS tem agora interesse em ir para o governo?

Não sei se tem ou não interesse, nem estou preocupado com isso, estou é preocupado com as consequências para os portugueses. O presidente francês veio introduzir nas ideias europeias uma nova concepção de resolução dos problemas quando disse que só com políticas de investimento e só com crescimento é que conseguimos sair desta crise. E as políticas de investimento e de alavancagem da economia têm de permitir que as pessoas possam ter dinheiro. Se os portugueses não têm dinheiro, não compram, se não compram, as fábricas não têm necessidade de produzir, se não têm necessidade de produzir são excedentárias em termos de quadro pessoal e começam a despedir. É uma pescadinha de rabo na boca. E depois o que é que se faz? Aumentam-se os impostos para que o Estado tenha mais dinheiro e possa responder às necessidades dos cidadãos, mas como as pessoas ficam com menos dinheiro não vão consumir, as fábricas deixam de produzir e o Estado vai pagar mais a quem está desempregado.

### E qual é a solução?

Tem de ser feito um ajustamento e este tem de ser feito a longo prazo. Nesse ajustamento é necessário analisar quais são as potencialidades da economia portuguesa e o nível de vida que pode oferecer aos seus cidadãos. Isso é que é fazer uma boa gestão económica.

### Então concorda com a ideia de renegociar a dívida?

Quem pede tem de pagar e por isso a renegociação da dívida em termos de não se pagar o que se deve é negativo. Mas uma coisa é pagar a dívida amanhã, outra coisa é dizer que temos um compromisso por 10, 15 ou 20 anos. Nesse caso, vou ter de reorganizar a minha

continua na página seguinte >>


 Zoom // Entrevista

>> continuação da página anterior

estrutura interna e social com o objectivo de, nesse espaço de tempo, estar nessa condição. É claro que têm de existir equipas internacionais e internas para acompanhar a evolução dessa vontade. O que temos de fazer agora é travar este permanente afundar, reajustar o que tem de ser reajustado e, não desta forma violenta, mas de forma que atinjamos os objectivos com segurança.

**E para isso é necessário apostar mais nas políticas de crescimento económico...**

Não vejo outras. Há pessoas que apontam, como solução, o aumento das exportações. Estou de acordo, mas as exportações só são boas quando correspondem à criação de postos de trabalho e naturalmente à entrada de divisas estrangeiras, pois só compra quem tem necessidade e quem tem dinheiro para comprar. Por isso, ou as exportações se fazem através do empobrecimento dos cidadãos portugueses e aí são negativas. Isto é, se exporto tendo por base os salários de miséria, as exportações sustentadas na pobreza e na miséria do povo não interessam. Ou então tenho as exportações a níveis razoáveis que não têm como base essa remuneração de miséria. Mas quem exporta vai tentar substituir por produção própria aquilo que vai comprar. Temos sempre de ver as exportações numa óptica de curto prazo.

**E não como uma tábua de salvação?**

Não como uma tábua de salvação permanente. O problema é que temos cometido alguns erros e que têm sido praticados por pessoas que não têm experiência de vida. Um dos grandes problemas deste governo é que os governantes não tinham cabelos brancos e não tinham cabelos brancos por não passarem pelas coisas da vida, por não serem empresários e chegarem ao final do mês sem dinheiro para pagar salários, situações em que muitas vezes é preciso arriscar o património pessoal para salvar as empresas. Por exemplo, no IVA houve um erro crasso e que não faz sentido nenhum. Tendo em conta o país que temos deveríamos explorar o turismo e o que fazemos? Aplicamos o IVA a 23% na restauração, o que não faz sentido nenhum. Isso é prova evidente que nem sempre um homem de taxas é um homem de receitas. Há aqui erros estratégicos terríveis que foram praticados.

**Vitor Gaspar foi um erro de casting?**

Uma parte muito significativa do que

está a acontecer deve-se ao ministro das Finanças, pelo poder que tinha, pela pressão que sofria, mas sobretudo pela falta de visão da consistência das medidas que tomou. O ministro não pensava nos efeitos colaterais que as medidas tinham e depois confrontamo-nos com situações como as que vivemos agora. Qualquer pessoa sensata reflectiria nas consequências que isso traria para o país.

**Maria Luis Albuquerque será mais do mesmo?**

Penso que está limitada em diversas questões. Em primeiro lugar pela limitação do próprio governo em termos gerais, que é uma bagunça completa e a machadada final deu-se com o comportamento de Paulo Portas que acabou por descredibilizar completamente o governo. Como cidadão vimos naqueles que nos governam capacidades superiores e temos a noção que são capazes da entrega à causa pública e o que temos assistido é a um desacreditar completo disso. Os actuais governantes revelam incompetência total para gerirem estas questões e, mais grave, uma falta de sensibilidade quanto aos efeitos das medidas tomadas.

**A demissão de Paulo Portas acelerou ainda mais este desacreditar?**

Há momentos políticos e estava previsto que se ia cortar o cinto durante dois anos e passados dois anos começava-se a abrir. O problema é que houve um descontrolo total e aí está a tal falta de sensibilidade que tenho falado. Um bom político é que faz a gestão dos tempos, mas esta gestão foi feita de tal maneira desastrosa que só poderia dar desgraça e foi o que deu. E, neste momento, temos um governo completamente desacreditado. Fui contemporâneo de Passos Coelho na Assembleia da República como deputado e confesso que esperava maior sen-

**“Uma parte muito significativa do que está a acontecer deve-se a Vitor Gaspar e ao poder que tinha”**

**“Fui contemporâneo de Passos Coelho no parlamento e esperava maior sensibilidade e maior visão”**

**Para o bastonário, José Sócrates já está perdoado ao quadrado. Segundo Domingues de Azevedo, o antigo primeiro-ministro abusou mas deixou obra construída, já este governo aumentou a dívida e não deixa nada**

sibilidade, maior visão desses processos do que aquela que tem demonstrado neste domínio. Achava-o, como deputado, mais perspicaz, mais por dentro das coisas do que o que se veio a revelar.

**Acha que foi devido às pressões?**

Essa pressão é o resultado das suas políticas e das consequências que criou. Mas a visão de um grande estadística era saber que aquela pressão teria, num determinado momento, de ser equacionada e equacioná-la. Por exemplo, temos uma dívida e vamos cumprir, mas vamos negociar isto em mais tempo. Em vez de ter uma dívida a dez anos poderia ter 20 ou 30 anos para pagar.

**Seria preferível ir já para eleições ou esperar por Junho de 2014?**

Ao não avançar já, os partidos vão estar a marinar durante um ano, ou seja, vamos estar um ano em indecisão. Os partidos não querem tomar uma decisão impopular porque daqui a um ano vão para eleições. Por isso, mesmo reconhecendo que é difícil neste momento, penso que seria bem melhor uma clarificação de todo este processo, caso contrário vamos estar numa indefinição durante um ano. O Presidente da República quis dar uma sapatada aos governantes ao dizer que daqui a um ano temos eleições, mas também criou um outro problema que foi lançar a dúvida do que vai acontecer neste espaço entre Julho de 2013 e Junho de 2014.

**Se o PS não aceita os cortes de 4,7 mil milhões, o acordo torna-se mais difícil...**

O PS diz que não aceita esses cortes, mas isso poderá fazer parte de uma negociação. Porque não? Porque é que temos de seguir à risca aquilo que a troika diz? O que é que eles conhecem da nossa vida? Se querem emprestar dinheiro, nós pagamos juros e devolvemos o dinheiro. É esse o nosso compromisso. Vou deixar morrer uma pessoa em Trás-os-Montes só porque a troika diz que tenho de baixar o gasto social.

**Mas esses cortes já estão a acontecer com o ministério da Saúde...**

Paulo Macedo tem conduzido esse processo muito bem e o ministério da Saúde sempre foi um ministério com muitas dificuldades. Fiquei com muita pena que Paulo Macedo não tenha sido indicado para ministro das Finanças. Conheci Paulo Macedo quando era director-geral dos impostos, é um homem muito pragmático, define metas, analisa muito bem os processos e não é um ministro como foi Gaspar. Paulo Macedo ava-



lia as consequências e procura antever os seus resultados. Um governante tem de ser assim.

**Há quem diga que foi convidado e que não aceitou o convite.**

Não sei e, se não aceitou, lá terá as suas razões.

**Na entrevista que me deu em Janeiro de 2012, já dizia que os portugueses estão a pensar “Volta Sócrates estás perdoado”. E agora?**

Hoje mais do que nunca Sócrates está perdoado ao quadrado. Há um verbo popular que aqui se materializa “atrás de mim virá quem de mim bom me fará”. As pessoas que vieram atrás de Sócrates fizeram tanta asneira, tanta asneira que Sócrates nem precisa de ser perdoado.

**Para o PS seria melhor o regresso de José Sócrates do que manter José Seguro?**

Não essa ideia. O que é que tínhamos no tempo de Sócrates? Dificuldades que estavam a aflorar, algumas delas provenientes de alguns abusos, mas há diferenças nos abusos de Sócrates e nos abusos actuais. Sócrates abusou, mas deixou obra construída. Isto é, construiu even-



tualmente mais auto-estradas do que aquelas que teríamos necessidade ou algumas delas economicamente inviáveis, construiu algumas escolas com recursos que foram superiores às nossas possibilidades e isso estou de acordo. Mas há uma coisa interessante: deixou uma dívida, mas é uma dívida que os cidadãos usufruem, tenho auto-estradas e escolas. Este governo aumentou a dívida, não temos obras e pagamos desem-

*“As pessoas que vieram atrás de Sócrates fizeram tanta asneira que já nem precisa de ser perdoado”*

*“Porque é que temos que seguir à risca aquilo que a troika diz? O que é que eles conhecem da nossa vida?”*

prego a 20% da população. O que é que os cidadãos beneficiam deste aumento da dívida? Contam com um aumento do IRS de 22% só este ano.

**Portugal corre o risco de ter de pedir um segundo resgate financeiro ou o tal resgate mais suave?**

Estou plenamente convencido que, a ser necessário, não vai ter o termo de resgate. Acredito mais num financiamento a muito longo prazo. Penso que a própria Europa aprendeu com o que se está a passar e provavelmente vai facilitar mais estas economias mais débeis como é o caso de Portugal.

**Seria preferível que Portugal abandonasse a zona Euro e a moeda única?**

Acho que não, iria trazer problemas muito grandes para Portugal. É claro que poderia também trazer benefícios, mas esses benefícios também iriam criar outros problemas. Um desses problemas diria respeito à desvalorização da nossa moeda porque importamos mais do que exportamos e as importações iriam sofrer um agravamento muito significativo, pois teríamos de pagar muito mais do que pagamos hoje. Iria também gerar uma maior instabilidade financeira, tal-

vez maior do que aquela que já temos hoje. Permanecer no euro também nos confere uma maior segurança em termos do valor da moeda do que aquele que nos conferia estar fora do euro.

**O governo tem em mãos a reforma do IRC. O que espera desta medida?**

Falar na reforma do IRC apenas numa óptica de taxa é um erro. Não podemos pretender uma redução do IRC apenas para as grandes empresas e esquecemo-nos do resto do tecido empresarial português que é constituído por pequenas e médias empresas. Se a ideia é baixar a taxa para 20, 21%, ou seja lá o que for, apenas para as grandes empresas, então não consigo entender essa medida, porque tínhamos uma taxa de IRC de 12,5% para empresas com um volume de negócios até 12 500 euros e acabou. Esse valor abrangia a grande maioria das empresas, mas o que é que aconteceu? O governo eliminou essa taxa e passou a cobrar 25% a todas as empresas, independentemente do volume de negócios. E isso leva-me a questionar esta pretensão do governo: ou está a querer proteger as grandes empresas ou então não faz sentido nenhum.

**O que espera das autárquicas?**

A lei dos mandatos deve ser cumprida. Quem tem três mandatos não devia ser considerado candidato, mas também compreendo essas pessoas porque vão ter algumas dificuldades de integração durante algum tempo. Luís Filipe Menezes é médico, mas está fora da medicina há muito tempo. Se não for candidato o que é que vai fazer este homem? Regressa ao hospital? E quem fala de Luís Filipe Menezes também fala de Fernando Seara. Isso significa que os nossos políticos estão muito pouco protegidos e quem fala de presidentes da câmara também fala de deputados. Fui 15 anos deputado, mas não cometi essa imprudência, sempre mantive a minha vida profissional em articulação com a vida política.

**Pensa regressar à vida política?**

Tenho 63 anos, é uma matéria que já conheço e estou um pouco desiludido com os debates que tenho assistido na Assembleia da República. O parlamento precisa urgentemente de rever os seus métodos e de se credibilizar. Confesso que não me sentiria bem como deputado.